

## Prefácio

Kanavillil Rajagopalan<sup>1</sup>

### A fronteira como a grande metáfora e a chave para compreender as questões de identidade e sua progressiva transmutação em nossos tempos pós-modernos

Os conceitos de identidade e fronteira sempre foram ligados um ao outro. A identidade de qualquer objeto, seja ele concreto ou abstrato, é sempre resultante da delimitação das suas fronteiras vis-à-vis os demais objetos em sua cercania. Dito de outra forma, a demarcação das fronteiras é o primeiro passo na identificação precisa de um objeto a ser destacado e na determinação da sua identidade específica e única. Sabemos que as identidades de uma série de objetos que, ao longo do tempo, aprendemos a encarar como óbvias e dadas uma vez para sempre — entre eles, objetos como nação, estado, pátria, povo, bandeira nacional, hino nacional, brasão régio etc. — foram cuidadosamente esculpidas e consolidadas no século XIX. Muitos de nós estudiosos da linguagem tendemos a ignorar o fato de que o conceito de LÍNGUA, com o qual somos acostumados a trabalhar e a conduzir as nossas reflexões, também foi forjado no mesmo forno e em alinhamento com os outros conceitos enumerados acima. Todos eles refletem o *Zeitgeist* (palavra alemã que significa ‘espírito de uma época’) próprio do século XIX.

Destacam-se entre os atributos daquele *Zeitgeist*, fatores como o ideário estabelecido pelo Iluminismo com sua ênfase na ordem, na disciplina, no equilíbrio, na simetria etc.; o profundo apego ao espírito de eurocentrismo e conquista, colonização e exploração de terras distantes e alheias; a crença nas identidades discretas e perenes, baseada numa lógica de tudo ou nada, entre outros tantos corolários. Até

1 Doutor em Linguística Aplicada, professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Campinas (Unicamp). Leciona também na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e na Universidade Federal do Tocantins (UFT). É bolsista produtividade do CNPq-1A.

mesmo a Linguística – a ciência que se propõe a se dedicar ao estudo da linguagem e seus multifacetados mistérios — parece ter incorporado tal espírito que dominou o século XIX e ainda encontra grande dificuldade de se desvencilhar do seu encanto. Afinal, os germes que propulsionaram os primeiros passos dessa ciência foram semeados no apagar das luzes daquele século. Quando Saussure, tido como o Pai da disciplina, prega como princípio norteador o *clôture* (fechamento) do conceito da língua está de fato defendendo respeito incondicional às linhas fronteiriças entre as línguas. Para ele, assim como para diversos dos seus contemporâneos e sucessores, a existência da língua era uma questão pacífica e as linhas que demarcavam as fronteiras entre elas, um fato consumado, inquestionável. Anos mais tarde, quando entra em cena Noam Chomsky, festejado como um revolucionário e propONENTE de um paradigma inovador, o que se vê é novamente adesão ao princípio de que as diferentes línguas existem como tais e o que distingue o falante de uma língua do falante de outra é que este sabe (e ponto final) o que é e o que não é gramatical em sua língua. A figura de falante nativo que emerge desse gesto inaugural de prestidigitação é alguém com 24 quilates de pureza. O que ele sabe é a língua, a qual, por sua vez, define o falante nativo, novamente alguém cuja identidade linguística está assegurada de uma vez por todas.

O motivo pelo qual estamos sendo obrigados a rever todo esse conceituário é o fato inegável de que o mundo em que vivemos hoje é claramente diferente e distante daquele idealizado pelos linguistas e outros estudiosos da linguagem daquela época. Para o bem ou para o mal, a globalização é algo que está se firmando no mundo, mesmo em face de oposições de todo lado, principalmente nas manifestações ruidosas de nacionalismo exacerbado, pleiteando isolacionismo e total desprezo para com o resto do mundo, tais como vêm ocorrendo nos EUA com a eleição de Donald Trump, na França e na Holanda com a ameaça por ora contornada da extrema direita e no surgimento assustador do neonazismo na Alemanha (para enumerar apenas alguns dos exemplos mais gritantes). Esse processo de globalização ocorre não só no intercâmbio de pessoas e mercadorias e na migração de grande número de refugiados e pessoas à procura de melhores oportunidades

de trabalho ao redor do mundo, mas também pelo contato entre os cidadãos de diferentes cantos do mundo através da Internet.

O resultado mais visível dessa nova realidade é o desmoronamento das fronteiras que até pouco tempo dividiam as nações (pactos transnacionais, tais como a União Europeia e o Mercosul, que apenas deram a chancela oficial a esse processo). É incrível como o conceito de *língua* ainda resiste no imaginário das pessoas comuns e leigas. Porém, estarecedor é o fato de que muitos dos estudiosos de língua, entre eles os linguistas, ainda não se deram conta de que o mundo mudou. Muitos dos conceitos consagrados pelo *Zeitgeist* do século XIX já são peças de museu ou estão prestes a se tornarem. Urge, portanto, incumbirmo-nos da tarefa de revisitar o nosso conceituário, sob pena de nos tornarmos peças de museus!!

Tenho certeza de que os artigos apresentados nesta coletânea auxiliarão os leitores a aprofundarem essas questões que clamam por nossa atenção. Meus parabéns a todos os que contribuíram para tornar possível a edição desta coletânea de textos extremamente pertinentes a nosso tempo.

...travessada constitutivamente pela alteridade. Em vez disso, de um comportamento regulado por regras intrínsecas ao sistema, uma prática disciplinada socialmente, mas com poderes de conservação, de manutenção e/ou de desconstrução da mesma ordem social que lhe possibilita.

3. A palavra "Fronteiras", por sua vez, contém uma ambiguidade: possui simultaneamente a um sentido, por assim dizer, denotativo (o limite entre regiões políticas distintas, por exemplo, dois países, dois estados), e a um sentido dito metafórico, quando designa qualquer separação entre coisas abstratas ("fronteiras entre as ciências", "fronteiras do pensamento", etc.).

1 Doutor em Linguística Aplicada (PUC-SP / Paris XIII). Líder do Grupo "Discurso, Cotidiano e Práticas Culturais (Grupo Discuta)" e professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. E-mail: nelson@ufc.br.